



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 8, número 2, maio-ago. 2019

ENTRE FOFOCAS, BOATOS E BURBURINHOS NO BUMBA MEU BOI: OS EFEITOS DE SENTIDO DA FOFOCA/BOATO NAS TOADAS DE PIQUE DO BUMBA MEU BOI SOTAQUE DE MATRACA



AMONG GOSSSES, RUMPS AND BURBURES IN THE BUMBA MEU BOI: THE SENSE EFFECTS OF GOSSIP / RUMOR ON THE BUMBA MEU BOI IN SONG OF PIKE IN MATRACA ACCENT

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva FILHO
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Kassia Paloma Beltrame OLIVEIRA
Univel, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 10/04/2019 • APROVADO EM 25/11/2019

Resumo

O Bumba meu boi do Maranhão é marcado por sua pluralidade cultural, o mesmo é organizado, ou busca-se esta organização por meio da divisão em sotaques, que são as divisões por ritmos e estilos apresentados por determinados grupos de Bumba meu

boi. O sotaque que abordamos nesta pesquisa é o de Matraca, também chamado de ilha, por ser originário da ilha de São Luís. Dentro deste sotaque existe um tipo de toada que são chamados de toadas de pique, que é do tipo que cantadores tentam ridicularizar outros cantadores ou outros bois por meio de situações jocosas que acontecem, principalmente, durante a temporada de apresentações, muitas dessas toadas são fomentadas por fofocas e rumores. Este trabalho tem por objetivo analisar como as fofocas produzem efeitos de sentido por meio dos boatos que circulam entre os brincantes na temporada junina nas toadas de pique, no sotaque de Matraca (ilha). Metodologicamente, esta pesquisa se alicerça nas teorias da Análise do discurso de linha Francesa (AD), que tem como aporte teórico os estudos de Pêcheux (2014) e Orlandi (2012). Ao final da pesquisa, observou-se que as fofocas produziam efeitos que tinham nas memórias, novas e mais antigas seu motor, o que fazia com que as fofocas circulassem socialmente, e ganhassem força, além de haver um movimento de contra-fofoca, que era promovido pelo caluniado nas toadas.

Abstract

The Bumba my ox of Maranhão is marked by its cultural plurality, the same is organized, or is sought this organization by means of the division in accents, that are the divisions by rhythms and styles presented by certain groups of Bumba my ox. The accent we addressed in this research is that of Matraca, also called an island, because it originated from the island of São Luís. Within this accent there is a kind of toada that are called toadas de pike, which is the type that singers try to ridicule others singers or other oxen through joking situations that happen mainly during the show season, many of these gigs are fueled by gossip and rumors. This work aims to analyze how the gossip produces effects of meaning through the rumors that circulate among the braggers in the June season in the toads of pike, in the accent of Matraca (island). Methodologically, this research is based on the theories of French Line Discourse Analysis (AD), whose theoretical contribution is the studies of Pêcheux (2014) and Orlandi (2012). At the end of the research, it was observed that the gossip produced effects that had in the memories, new and older its motor, which caused the gossip to circulate socially, and gain strength, in addition to a counter-gossip movement, which was promoted by the slander in the toads

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Fofoca. Bumba meu boi. Análise do discurso.

KEYWORDS: Gossip. Bumba meu boi. Speech analysis.

Texto integral

O Bumba Meu Boi do Maranhão é um folguedo¹ muito conhecido pela sua diversidade cultural. No Estado, a manifestação cultural é tão diversa que precisamos categorizá-lo em “estilos”, o que pode ser intitulado como “sotaque”. Os sotaques mais conhecidos são: Matraca ou Ilha, Orquestra, Guimarães ou Zabumba, Baixada

ou Pindaré e Costa de Mão. Cada um deles, além de representar sua região, também é sinônimo de riqueza cultural. Neste artigo almeja-se discorrer acerca do sotaque de Matraca ou Ilha, que representa muito desta região da grande São Luís.

Originário da Ilha de São Luís no Maranhão, o sotaque de matraca (ilha), tem muito da influência indígena das tribos ancestrais que habitavam a região quando da fundação de São Luís e ali permaneceram por muitos anos. O ritmo mais acelerado, o uso de dois pedaços de madeira que são batidos em um ritmo frenético, numa medida de dois para uma (ritmo da batida), acompanhados de um pandeirão, que tem por composição da percussão o tambor onça (uma cuíca de som mais grave) e o maracá do amo do boi.

Este “sotaque” reflete muito dos costumes da ilha de São Luís, como por exemplo, a forte influência religiosa, o cotidiano, um tanto bucólico que é retratado nas toadas e a circulação de “informação” por meio de boatos, que é o objeto desta pesquisa.

O auto do Bumba Meu Boi está relacionado ao enredo que destaca os personagens: fazendeiro (dono do boi), Pai Francisco e Catirina (a grávida que queria comer a língua do boi). A história encenada no auto, dura mais de duas horas e tem o intuito de levar à apresentação para mais lugares. Atualmente ganhou uma versão resumida que foi dividida em: guarnicê, chegou, lá vai, urro e a despedida. Na parte do urro, existe uma subcategoria chamada toadas de pique², que consistem num duelo de um cantador falar mal um do outro (ridicularizar). Geralmente, essas toadas levam em consideração fofocas, histórias que surgem no vai e vem dos ônibus, caminhões e carros que transportam os brincantes, entre outros temas que surgem nos arraiais durante o mês de junho.

Estas toadas são fomentadas por fofocas, aqui, usaremos a aporte teórico de dos autores, Elias e Scotson (2000) e Orlandi (2012), para que possamos nortear nossas discussões acerca da temática fofoca.

A pesquisa que se enseja, tem por objetivos analisar como as fofocas produzem efeitos de sentido por meio dos boatos que circulam entre os brincantes na temporada junina nas toadas de pique, no sotaque de Matraca (ilha). Para isso, o trabalho se organiza tendo como metodologia a Análise do discurso de linha francesa pecheutiana (doravante AD), que irá se basear para a análise principalmente nos estudos de Pêcheux (2014), Orlandi (2012), tendo como teoria de apoio os estudos de Elias e Scotson acerca do tema fofoca.

O *corpus* discursivo foi constituído a partir da seleção de toadas de alguns grupos de Bumba meu boi. A seleção se deu pela relação que quatro toadas em umas com as outras, abordando um tema central, a fofoca. Estruturalmente, o artigo terá cinco sessões, que serão constituídas de introdução que delimitará o tema, em seguida, uma breve discussão acerca da questão da fofoca desenvolvida por Elias e Scotson, seguido do quadro teórico-metodológico da AD, passando em seguida para a análise dos dados e finalmente para as considerações finais da pesquisa.

A constituição da fofoca sob a perspectiva de Elias Norbert

Em seus estudos o autor analisou a constituição da comunidade de Winston Parva. A divisão ocorria por Zonas, sendo estas as 1, 2 e 3. Cada uma correspondia a um determinado tipo de classe social. A Zona 1 por exemplo, situava-se ao norte da Aldeia, nesta área estavam os profissionais liberais e negociantes, Elias (2000, p. 61) descreve que após algum tempo, alguns operários que conseguiram crescer economicamente, até então moradores da Zona 2, mudaram-se para a Zona 1.

Em 1930, a Zona 3 começou a ser construída, no entanto a área destinada a ela fora a mais imprópria, ou seja, a área deixada de lado pelos primeiros moradores que ali habitaram, ficando disponíveis ao que o autor chama de "recém-chegados. Esta área foi constituída por pessoas vindas de vários lugares e em situações adversas, muitos atraídos pelo trabalho disponível na cidade.

Seus salários não eram muito diferentes dos que ali já estavam, porém seus costumes sim.

Os recém-chegados diferiam delas consideravelmente, em seus costumes, tradições e todo o seu estilo de vida. Além disso, com eles chegou uma minoria de operários não especializados, atraídos pela variedade dos postos de trabalho ligados ao esforço de guerra, que se instalou no loteamento e cujos padrões de conduta, ao que parece, diferiam não apenas dos padrões "aldeões", mas também da maioria dos residentes da nova área". (ELIAS, 2000, p. 63).

Os três bairros possuíam diferenças sociais, sendo o 3 o mais afetado. Como consequência disso, começaram os atritos entre eles por meio da exclusão. Locais que os moradores mais antigos frequentavam não aceitavam os recém-chegados, dando início ao falatório sobre o comportamento deles: "frequentadores barulhentos e que bebiam demais" (2000, p. 64). Fica claro que os moradores antigos queriam impor aos novos os seus modos de vida, exercer sobre eles suas normas de controle social e quem não se adequava era tido como inferior, tanto em relação aos bens como em relação ao sociocultural.

Ocorreu a exclusão por todos os lados, no poder social, na política local, nas associações em tudo que a predominância dos antigos existisse. Construíram um sistema de atitudes, rotulando todos aqueles que não faziam parte, é aí que se iniciam as fofocas: "sua ideologia de status disseminou-se e foi mantida por um fluxo de fofocas [...] reforçando assim a imagem negativa do loteamento" Elias (2000, p. 65).

Deste modo, podemos utilizar este exemplo de desenvolvimento da fofoca em outros contextos, que não os de constituir uma cidade em si. As fofocas feitas pelas pessoas da aldeia sobre o loteamento eram baseadas em interesses e controles. Elias destaca que a fofoca não é um fenômeno independente, pois depende do que os outros pensam, de como as crenças agem a fim de construir as relações comunitárias. É necessário existir uma ação desaprovada por um determinado círculo para a fofoca ser gerada.

Elias (2000, p. 121) destaca dois tipos de fofocas, a depreciativa, aquela gerada por "informações depreciativas sobre terceiros, transmitidas por duas ou mais pessoas umas às outras". Com caráter inesperável. E a elogiosa, que busca

"restringir-se ao próprio indivíduo ou grupo que ele se identifica", que para muitos eram consideradas como apoio e ajuda comunitária.

Quanto mais unida a comunidade mais *mexiricos* circulam a respeito do outro e também a quantidade de conhecidos, quanto mais se "conhece" mais se tem a dizer sobre. É um funcionamento cíclico e infinito. É interessante como as pessoas mesmo sem conhecer o outro já formula ideias a respeito, apenas pelas diferenças. Independentemente da forma, a fofoca era um entretenimento, logo muitas delas até divertidas.

O autor destaca que na maior parte dos casos, o entretenimento ocorrido pelo viés dos boatos parece estar relacionado a itens que enaltecem o ego de quem o espalhava e de quem ouvia. As fofocas elogiosas nunca paravam de circular e ainda se misturavam com as fofocas de rejeição e censura, em que as de censura continham um fluxo maior pelo fato de serem mais prazerosa, afinal, falar mal é melhor do que falar bem. O mexerico de censura faz com que as pessoas se "coloquem" no lugar, pois apelavam para o sentimento de retidão, gerando dizeres como "imagina só uma coisas dessas" ou "não fui eu".

As fofocas tinham como função excluir pessoas e cortar relações, funcionam como instrumento de rejeição. Para Elias (2000, p. 125), "um dos determinantes das fofocas costuma ser o grau de competição entre os boateiros que disputam o ouvido e a atenção de seus semelhantes". Deste modo, verifica-se que quando há a superação sobre o outro é possível ganhar a atenção e a aprovação em relação a sua história, ao seu boato. Quanto mais escândalos a história que se conta sobre o outro, mais fortalecida é a sua versão e mais desaprovado é o outro perante a sociedade.

FOFOCA, BOATO E DISCURSO

A circulação de informações, sejam elas oficiais ou não, sempre estiveram presentes na sociedade brasileira desde a sua fundação. Orlandi (2012, p. 132) explica que "o boato está sempre presente na história do Brasil, desde os primeiros tempos da colonização fazendo parte das relações de força e de sentidos, no esforço de estabelecimento de uma sociedade do lado do Novo Mundo", desta forma, o boato se entranhou na sociedade brasileira, desde a época do "descobrimento" e se constituiu como uma forma de circulação de sentidos.

Orlandi (2012, p. 127) estabelece uma relação direta do boato com o Silêncio. Para a autora, para analisar o boato "é preciso prestar atenção a essa relação das diferentes modalidades da ausência", é por esta via que a autora propõe a introdução da noção de Silêncio, e sua relação direta com o boato.

Eni Orlandi (2012) nos apresenta o Silêncio deixando claro que, em sua visão, o mesmo pode ser dividido em dois tipos: a) o Silêncio Fundador, que é o silêncio necessário aos sentidos, sem ele não há sentido; ou outro tipo o b) Política do Silêncio, que a autora divide em dois tipos, que são: o Constitutivo, que está na noção de que para dizer alguma coisa, é preciso que outras não sejam ditas, ou seja, "todo dizer apaga necessariamente outras palavras produzindo um silêncio sobre outros sentidos" (p. 128); a outra forma de Política do Silêncio é o que a autora denominou de Silêncio Local ou Censura, esta forma de Silêncio nos remete a

interdição dos sentidos, ou seja, ele ocorre quando algum sentido é possível de ser dito, mas por algum motivo é proibido, apagado.

Introduzida a noção de Silêncio, já que o boato tem estreita ligação com ele, e o silêncio também é entendido como discurso, mas “ele tem sua materialidade própria, suas próprias formas de significar, fazendo significar de seu modo particular a interpretação” (ORLANDI, 2012, p. 130). A partir da noção de silêncio, é possível entender que é, a partir dele, que se pode pensar na necessidade de sentidos formuláveis, ou seja, de uma falta e toda falta induz a uma possibilidade, nesta cadeia, “o silêncio é a garantia desta necessidade pois o não-dito, o silêncio, significa (p. 130).

A autora ainda amplia o pensamento quando explica que “o silêncio é o ponto [...] em que o silêncio de desloca em outras palavras”, tornando-se o silêncio com uma válvula de escape para os sentidos, possibilitando que eles migrem para outros lugares, significando de outras formas, abrindo espaço para a possibilidade outros dizeres, e assim possibilitando o surgimento, entre outras coisas, do boato.

Orlandi define o boato como “um trajeto da palavra, um momento que precede, que prepara o estabelecimento de um tempo e de um lugar determinado para que um fato advenha (com seu sentido já estabelecido: efeito de pré-construído), nomeado, até mesmo significado [...] antes é apenas burburinho... Um anúncio: silêncios que significam na incerteza (ORLANDI, 2012, p. 134).

É nesta migração de sentidos, na possibilidade de sempre produzir novos efeitos que o boato vai ganhando força e alcançando notoriedade. Um boato por transitar neste caminho de incertezas, ganha a possibilidade de não formular somente um único sentido, um único enunciado para o mesmo acontecimento.

Isso ganha forma por algumas questões fundamentais, pois, “o boato mostra que o texto é ele próprio um lugar de variantes” o que faz com que haja uma relação estreita com o já-dito e o não-dito, sob o que Orlandi chama de “diz-se-que”. Ou seja, o boato, por esse aspecto, toma no anonimato, sua forma mais escorregadia, é pela forma anônima e sem autor, que as possibilidades se multiplicam na cadeia possibilidades.

Um “fato” ganha notoriedade a partir das formulações “surdas” que se fazem dele, tudo surge com os burburinhos, que é o nascedouro, o que faz com que o boato ganhe forma e transite socialmente. Desta forma o boato torna-se “uma polemização discursiva do estatuto significativo do fato, estruturado pelo tempo do dizer em relação com o silêncio” (ORLANDI, 2012, p. 136). Ainda sobre essa questão, é importante salientar que o boato, ao circular socialmente, vai ganhando “corpo”, e os sujeitos, dependendo das posições que ocupam, dão um efeito de verdade ao que é replicado em forma de boato. A autora explica que “o boato produz um efeito de verdade a partir de palavras não asseveradas” (p. 136), ou seja, ao circular, a “nova” não precisa ter atestada sua veracidade, basta que seja dito e replicado muitas vezes para que ganha o efeito de verdade. Podemos dizer que isso é possível por duas questões: a) os sujeitos estão condenados a significar; b) os sujeitos têm necessidade de “saber” o sentido, eles têm necessidade de “verdade”.

Ao fazer essas considerações acerca da questão da fofoca, por um viés mais “histórico” ou sociológico, e logo em seguida apontar para o campo discursivo que será onde irá se desenvolver nossas análises, mais precisamente nas toadas de

A teoria metodológica da AD

A Análise de Discurso de origem francesa, teoria que propõe não estudar a língua como um sistema fechado em si, como proposto por muitos linguistas, mas sim o discurso, o modo como aquilo que é dito, ou seja, compreender a linguagem em funcionamento produzindo sentidos diversos e estes interligados a outros já-ditos e esquecidos. Noções estas que ao longo desta parte do artigo iremos detalhar e posteriormente a isso aplicá-los ao *corpus* de análise.

Esta teoria da discursividade surgiu na França no final dos anos 60 e teve como seu criador Michel Pêcheux (1938-1983), professor e pesquisador que buscou por meio de diversas leituras e inquietudes acerca destas, da língua e da comunicação (função fechada de transmissão da mensagem), formular uma teoria que fosse além da análise de frases e textos. Pêcheux acreditava que para estudar a língua não poderia separar forma e conteúdo, compreendendo-a apenas como uma estrutura, mas sim como descreve Orlandi (2013, p. 19) “como estrutura e acontecimento”, e mais a frente Orlandi (2013, p.21) complementa “não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade [...] alguém fala, baseado num código e o receptor capta a mensagem e decodifica-a”.

Pêcheux buscou romper as noções tradicionais trazidas pela Linguística, Marxismo e Psicanálise, trabalhando no entremeio dessas disciplinas.

Pela análise do discurso não é possível tratar o discurso como um esquema de propagação da mensagem, pois não se trata de transmissão de informação, assim como é compreendido a palavra discurso dentro da comunicação e do modo amplo da palavra discurso trazida pelos dicionários (mensagem oral, ger. solene e prolongada, que um orador profere perante uma assistência), é necessário ir além, compreender que o discurso é, como nos diz Orlandi, (2013, p.21), a partir de suas leituras feitas sobre a teoria pecheutiana, “efeito de sentido entre os locutores”. Para chegar nesse significado sobre o discurso, Pêcheux trás para a sua teoria a noção de materialismo histórico com o objetivo de compreender como que as relações de produção juntamente com as práticas sociais agem sobre os sujeitos na constituição do discurso. É incorporado também à teoria a noção de ideologia para a constituição do sujeito, recorrendo a Althusser e sua concepção de Ideologia, que interpela indivíduo em sujeito.

O discurso é, enquanto tal, da ordem da *fala*, na qual se manifesta a “liberdade do locutor”, ainda que, bem entendido, seja proveniente da *língua* enquanto sequência sintaticamente correta. Em outras palavras, um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas. (PÊCHEUX, 2014, p.75-76)

Interessante destacar aqui que o teórico trabalha o discurso como sendo algo da “ordem da fala” e não a fala em si, Orlandi, (2013, p.22) “não se trata de opô-lo a língua como sendo um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza

social [...] com suas variáveis”. Além disso, não associa o texto e contexto, tão pouco os enunciados a contextos. Possenti 2011 (p. 364) “cada texto é parte de uma cadeia (de um arquivo); decorre não de poder ser tomado como um texto, como uma unidade coerente de sentido, mas sim como uma superfície discursiva”.

A partir disso, que para a AD, um texto faz sentido por sua inserção em uma FD, em função a uma memória discursiva do interdiscurso e não por sua relação com o contexto.

Os dizeres não são sinônimos de mensagens, é necessário compreender que a AD trabalha com a noção de efeito de sentido, a partir das relações metafóricas e parafrástica e nunca como uma entidade “prévia”, mas sim como efeito. E para compreendermos qualquer enunciado ou sequência discursiva é necessário primeiramente compreender a noção de condição de produção estabelecida por M. Pêcheux. Sendo assim, o sentido para esta teoria decorre das enunciações, que se dão no interior das formações discursivas (doravante FDs).

Desta forma, observa-se que diferentes FDs, originadas pelas formações ideológicas, produzem distintos discursos. A partir disso, Orlandi (2007) destaca: “se o sujeito fala a partir do lugar do professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno” (ORLANDI, 2013, p. 39). Assim, compreende-se que os sentidos não são constituídos pela vontade de cada um, mas sim como um efeito ocasionado pela interpelação ideológica que constitui o sujeito através da linguagem e também da posição que o sujeito está (posição-sujeito).

A noção de interdiscurso está relacionada ao já-dito (ao pré-construído) e dessa maneira as FDs se constituem e se mantêm por meio de sua relação com o interdiscurso, utilizando-se da memória discursiva.

De acordo com este conceito, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por intermédio da ideologia e do inconsciente. O interdiscurso é articulado ao complexo de formações ideológicas representadas no discurso pelas formações discursivas: algo significa antes em outro lugar e independente. As formações discursivas, por sua vez, são aquilo que o sujeito pode e deve dizer em situação dada, em uma conjuntura dada. O dizer está pois ligado às suas condições de produção. Há um vínculo constitutivo ligando o dizer com a sua exterioridade. (ORLANDI, 2005, p 11).

Pêcheux (2014, p.158) diz que, o interdiscurso é o princípio de funcionamento da discursividade, devido ao funcionamento dos elementos da sequência textual que funcionam em uma formação discursiva dada. Como complemento, Pêcheux diz, “elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva” (p.158).

EFEITO DE ANÁLISES

O corpus analisado é parte de um CD que reúne várias toadas de Bumba meu boi do sotaque de Matraca, essas toadas são toadas de pique. Separamos quatro toadas que abordam o mesmo fato/acontecimento. Geralmente os boatos surgem e de um ano para o outro, ou excepcionalmente, no mesmo ano surgem novas toadas que abordam tal fato. No caso em questão, as toadas abordam a questão do calote, que é atribuído ao cantador João Chiador. Apresentaremos as sequências discursivas que analisaremos nesta seção do trabalho.

A primeira SD1 diz o seguinte:

FAMA DE CALOTEIRO

Cadê aquele cantador que saiu da Maioba³
com fama de imperador.

Foi para o Oiteiro por **muito dinheiro**.

Ainda hoje ele tem fama de **caloteiro**

Só vive cantando pro galo, feito galinha carijó

Suas toadas cada vez fica pior

Estou firme na Maioba

Comandando o touro mais querido da cultura popular

Você vive penando a cantar

O que era alegria virou tristeza

No Bumba Boi de Ribamar

Meu povo, vê o que acontece

Comerciante do Ribamar

Fecha a porta quando ele aparece

É o **mau costume** que este cantador tem

Bebe e vai embora, não gosta de **pagar** ninguém

Na sequência discursiva acima, observamos que algumas memórias discursivas são resgatadas, primeiro a de que o sujeito envolvido, como sujeito capitalista, muda de grupo de bumba meu boi em busca não só de notoriedade, mas de dinheiro, isso se evidencia quando é anunciado que ele “*Foi para o Oiteiro⁴por muito dinheiro*”. Esta memória contrasta com um outro acontecimento que é mencionado em outro enunciado quando se fala que ele mesmo tendo ganhado muito dinheiro, “tem fama de caloteiro”. Este antagonismo ajuda a reforçar o dizer que circula, ou seja, o boato, ganha um efeito de verdade pela regularidade dos fatos apresentados. Na sequência isso se evidencia quando o sujeito enuncia que os comerciantes da localidade do Ribamar fecham as portas quando o cantador, aqui tido como caloteiro, aparece.

O efeito metafórico se dá quando de substitui o calote por outras expressões, em um jogo de substituição, no caso caloteiro dá lugar para o “mal costume” que precede outra expressão que diz que ele “Bebe e vai embora, não gosta de **pagar** ninguém”. Este movimento,

na relação escrita/oral, o boato estabelece um efeito inscrito na história[...]efeito de separação entre verdade (objetividade, escrita, documento) e comentário (subjetivo, oral, não-confirmado, não provado, não verificável) trabalhando diferentes

Observa-se que este jogo entre uma FD e outra é constante, nesta aqui apresentada, explora-se os vícios de um cantador, no caso, João Chiador, que tem contra si o fato de circular boatos que falam da sua dificuldade em pagar o que consome nos estabelecimentos. Em outra toada, o ofendido se defende, o que fica evidente a mudança de FD, ao se defender, o fato não é rechaçado, mas o alvo passa a ser o outro sujeito, a quem o cantador ofendido passa usar do mesmo artifício, o boato, para defender-se. Isto fica evidente na SD2:

Saí de lá fui **contratado** pra Ribamar
Por lá ele ficou.
O que ele fez foi **espalhar o povo do lugar**
Agora quer ser o maioral
É viola desafinada
Agora quer ser o maioral
É viola desafinada
O cantador da Maioba
Vou dizer pro povo como ele é
Tá feito **mineira** ⁵ **velha**, quando não tem mais **pajé**

Na SD2, o sujeito ofendido na primeira sequência discursiva enuncia que o boato que circulava socialmente a seu respeito era inverídico, já que o mesmo possuía condições de arcar com suas despesas, por que ele “foi contratado por Ribamar” o que lhe garantia salário e condições de arcar com as possíveis dívidas que contraísse. Na sequência, com o intuito de parar com a circulação do boato, ele desdenha da capacidade do outro sujeito de sustentar suas “verdades”, já que ele estaria em transe/possessão promovido por encantaria de um pajé. Isto se evidencia quando ele fala que ele está “*feito mineira velha, quando não tem mais pajé*”.

Ser comparado a uma mineira, o rebaixa, tirando sua condição de produzir enunciados com efeito de verdade. O que faz com que o boato perca força e pare de veiculado na sociedade. Orlandi (2012), explica que o sujeito tem o impulso de passar o boato em frente, o que faz com que seu espectro se alastre rapidamente, mas, se o boato perde sustentação, ele para de circular, se isso ocorre, ele se exaure, findando-se.

Em outras duas sequências discursivas, vemos outra face do mesmo fato, do mesmo acontecimento envolvendo a fofoca acerca do caloteiro, nesta SD, observamos o fato apresentado por outro sujeito, e posteriormente, a réplica do sujeito ofendido.

Nas SDs 3 e 4, apresentaremos a narração do mesmo fato, o calote, por outros eventos, o que fazem com que por um efeito de verdade, se faça circular o boato, já que são citadas testemunhas e vítimas dos ocorridos.

SD3: Nessa toada aviso os donos de bar
pra ter muito cuidado na hora que ele chegar

Quando já está bêbado pede pra ir no banheiro
Esconde o real no sapato, bota o bolso pra fora
E diz pro garçom que está liso e não tem mais dinheiro

SD4: Palhaço, mentiroso é tu
Já enrolou a vida inteira, de norte a sul
Quem não conhece a tua história
Em Ribamar enganou Iraci
Na rodoviária ajudou quebrar Vitória
Lá no Oiteiro **de ruim tu não passa**
Tá igual um **palhaço que não sabe fazer graça**

Nas SDs 3 e 4, o fato gerador do boato reaparece como uma nova formulação, e com novos fatos, na SD3, são explicitadas atitudes, como esconder o dinheiro para não pagar, o que configura o calote e na SD4, é enunciado que o cantador do Ribamar já tem uma fama, que é conhecida na ilha de São Luís inteira acerca da sua atitude de não pagar depois de consumir. Isto fica evidente quando na SD4 é enunciado que ele todos já são cientes das suas atitudes e que inclusive ele tem um histórico de ocorrências, que fica evidenciado no fato de ter enganado Iraci, e o mesmo tendo acontecido com a senhora Vitória, dona de um box de venda de produtos na Rodoviária de São Luís; nesses locais costuma-se vender comidas, bebidas alcoólicas e outras mercadorias.

Sua fama se alastrou, já que nem no bairro do Oiteiro, ele não tem mais credibilidade, tendo adquirido a fama de palhaço, o que faz com que ele não consiga produzir enunciados com qualquer alcance social. Em sua defesa o sujeito caloteiro da toada, diz: *meu compadre mentiroso tá acabando com Bumba Boi da Madre [de] Deus*. Ao apontar uma possível ingerência do outro cantador, Chiador busca enfraquecer os argumentos apresentados contra ele, já que os “sentidos são voláteis” (ORLANDI, 2012, p. 139) e podem sempre ser outros, trabalhando nesta alternância de sujeitos, no movimento entre silêncio e sentidos, em que o ir e vir constante faz com que se busque o apagamento de possíveis outros sentidos, sejam eles de reforço ou de enfraquecimento dos produzidos pelos boatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As toadas de Bumba meu boi são um campo rico para análises, já que estão situadas no universo dos discursos logicamente não estabilizados. Neste artigo se buscou analisar como as fofocas produzem efeitos de sentido por meio dos boatos que circulam entre os brincantes na temporada junina nas toadas de pique, no sotaque de Matraca (ilha).

Percebe-se que os boatos surgem de um ano para o outro ou mesmo no mesmo ano e que as memórias antigas se entrelaçam com as mais novas em um movimento de “dizer e produzir o efeito de verdadeiro” e “o impulso de “passá-lo” à frente” (ORLANDI, 2012, p.138), faz o boato ganhar regularidade e se manter vivo. Mantendo-se em circulação, ele se expande, proporciona a possibilidade de tornar-se outro, maior e mais abrangente, em um gesto conhecido de quem conta

um conto aumente um ponto, fazendo o boato ganhar um efeito de novidade, o que lhe dá um status de “novo” e de cada vez mais “verídico”.

Por fim, tem-se a tentativa de desfazer o boato, apagar o acontecimento, silenciá-lo já que o mesmo busca pelo “dito” ou pelo “não-dito” alcançar objetivos que não se consegue mensurar, mas que se constituem em um jogo de poder em que a desqualificação de um líder de um grupo de bumba meu boi ocasiona no “rebaixamento” daquele grupo por efeito cascata.

Notas

¹Câmara Cascudo conceitua folguedo como manifestação folclórica que reúne algumas características como 1) Letra (versos em geral); 2) Música; 3) Coreografia e 4) Temática Teatral.

²Convencionou-se chamar Toadas de pique, aquelas que são usadas para falar mal de outros cantadores ou de outros Bois rivais. Este tipo de toada se assemelha muito às disputas de embolada, só que não acontecem, necessariamente, em uma disputa face a face, as toadas são produzidas, geralmente, de um ano para o outro.

³Bairro da zona rural da grande São Luís que dá nome ao Boi daquele lugar, um dos mais importantes do São João do Maranhão.

⁴Bairro da zona rural da cidade de São José de Ribamar, local onde fica a sede do Boi de São José de Ribamar.

⁵Mulher que é praticante da religião afro denominada Mina ou Tambor de Mina.

Referências

ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Zahar, 2000.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Pontes Editores, 11ª Edição – Campinas, SP, 2013.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Pontes, 2012.

_____. *Michel Pêcheux e a Análise de Discurso - 2005 -*
<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/4/3>.
 Acesso em: 05 junho 2018

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, v. 3, p. 353-392, 2011.

FILHO, Marcelo Nicomedes dos Reis Silva; OLIVEIRA, Kássia Paloma Beltrame. Entre fofocas, boatos e burburinhos no bumba meu boi: os efeitos de sentido da fofoca/boato nas toadas de pique do bumba meu boi sotaque de matraca . *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 468-480, maio-ago. 2019.

Os autores

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho é professor do Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão UFMA, Campus São Bernardo.

Kássia Paloma Beltrame Oliveira é graduada em Comunicação Social habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel - UNIVEL; Graduada em Fotografia - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel - UNIVEL. Especialista em Marketing e Inteligência Competitiva pela Universidade Estácio Sá – UNESA. Em andamento, especialização em Cinema e Crítica Audiovisual.